

O casamento em Caná – João 2.1-11

Em João 1.43 Jesus resolveu partir para a Galileia, sendo que Ele estava na Judeia, do lado leste do rio Jordão, mais ou menos à altura de Jericó, provavelmente. Em 2.13 Jesus voltou à Judeia, só que a Jerusalém, por causa da Páscoa. O intervalo deve ter sido de duas ou três semanas. Ora, cada ‘perna’ da viagem deve ter sido de pelo menos 130 km, a pé, o que nos permite deduzir que o motivo para a viagem era de algum tamanho.

“No terceiro dia, houve um casamento em Caná” (2.1). O terceiro dia a contar de quando? 1.19-28 aconteceu em um dia; 1.29-34 aconteceu no dia seguinte (2º); 1.35-42 aconteceu no dia seguinte (3º); 1.43-51 aconteceu no dia seguinte (4º). Então, o terceiro dia, aqui, deve ser contado a partir do último dia mencionado (1.43-51), embora possa ser incluído (o que é provável, no pensamento judeu). A festa de casamento começou naquele dia, mas tais festas freqüentemente duravam vários dias. Jesus e Seus discípulos (quatro?) tinham uma caminhada de uns 130 km (provavelmente): 90 pelo vale do Jordão (relativamente plano e reto) e 40 de terreno mais acidentado. Já que todos faziam suas viagens a pé, e portanto estavam acostumados a isso, eles poderiam facilmente completar o trajeto em dois dias. Assim sendo, eles teriam chegado lá ao término do primeiro dia da festa (senão mais cedo).

A família de Jesus morava em Natsaré, que distava talvez 30 km de Caná, em linha reta, mais o terreno era acidentado. A família toda estava no casamento (2.12), mas a falta de menção de José nos leva a entender que ele já tinha morrido. Assim sendo, na condição de filho mais velho, Jesus era o chefe da família. Maria estava em condições de dar ordens aos empregados (2.5). Somando tudo, chego à conclusão de que a noiva era uma das meias-irmãs de Jesus,¹ o que daria à mãe, Maria, condições de mandar; explicaria também a preocupação dela com a falta de vinho. Explicaria também o que levou Jesus a enfrentar semelhante viagem, só para retornar com pouco intervalo.

Uma festa de casamento costumava levar vários dias. O estoque de comida e bebida só iria acabar perto do fim, na eventualidade. Se Maria era a mãe da noiva, podemos entender a preocupação dela com a falta de vinho, pois seria uma vergonha para a família. Mas, por que apelar para Jesus, embora fosse Ele o chefe da família? O que poderia Ele fazer? Parece-me que ela estava pedindo um milagre, pelo menos a julgar pela ordem que ela deu aos empregados; aliás, seria a única solução possível. A resposta de Jesus, de que ainda não estava na hora, vai na mesma direção. Mas por que, então, resolveu Ele agir, mesmo assim? Não sei, o Texto não diz; mas ofereço a seguinte sugestão: Jesus bem sabia que o ofício de ser Sua mãe ocasionou humilhação para Maria, pois as más línguas não iriam perdoar o fato dela ter casado já grávida (e mesmo que José o tivesse assumido como filho, o aspecto físico de Jesus não combinava)² – Jesus entendeu que devia uma consideração especial a ela. Depois, Jesus devia bastante à família, e caberia a Ele evitar uma vergonha para ela, se possível.

O fato é que Jesus agiu e produziu em torno de 600 litros de vinho – 600 litros de vinho! Ora, se tivesse 100 pessoas na festa, seria seis litros por pessoa! Quem iria beber seis litros (perto do fim da festa)? E o vinho foi de uma qualidade fora de série. A minha conclusão é que Jesus deu

¹ Em Mateus 13.54-56 os moradores de Natsaré citam Maria como sendo a mãe de Jesus; Tiago, José, Simão e Judas como sendo Seus irmãos (meios-irmãos); e falaram de “todas as suas irmãs” (meias-irmãs). O uso de ‘todas’ sugere mais que duas, e a casada em Caná não estaria mais ali. Após o nascimento de Jesus, José e Maria tiveram uma família normal.

² João 8.41 se situa no meio de uma discussão exacerbada entre Jesus e os fariseus. Eles tinham pesquisado tudo a respeito de Jesus a fundo. Eles sabiam que Jesus nasceu seis meses após o casamento de José e Maria, e nasceu de tamanho normal. Dois mais dois são quatro.

um belo presente ao novo casal – a maior parte do vinho iria sobrar, e poderia ser vendido, depois. Por ser muito bom, o vinho daria um bom preço. Acho curioso que o primeiro sinal miraculoso não foi de cura, e sim de cunho doméstico. Ele ‘salvou a festa’, salvando a família de uma vergonha, e deu uma boa colaboração com a felicidade do novo casal – para eles, pelo menos, Jesus seria sempre lembrado como benfeitor.